

segredos de família

mary ellen taylor

Tradução de Rita Pires



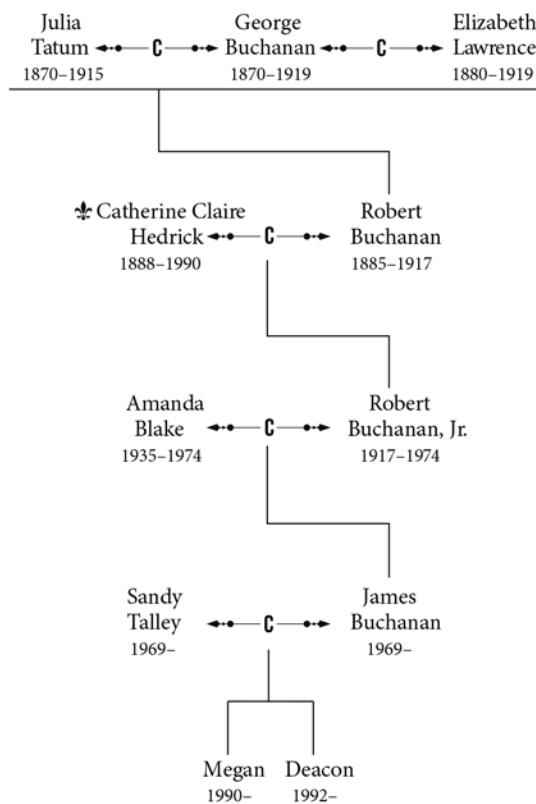
Todas as casas estão assombradas.

Todas as pessoas estão assombradas.

Multidões de espíritos seguem-nos para todo o lado.

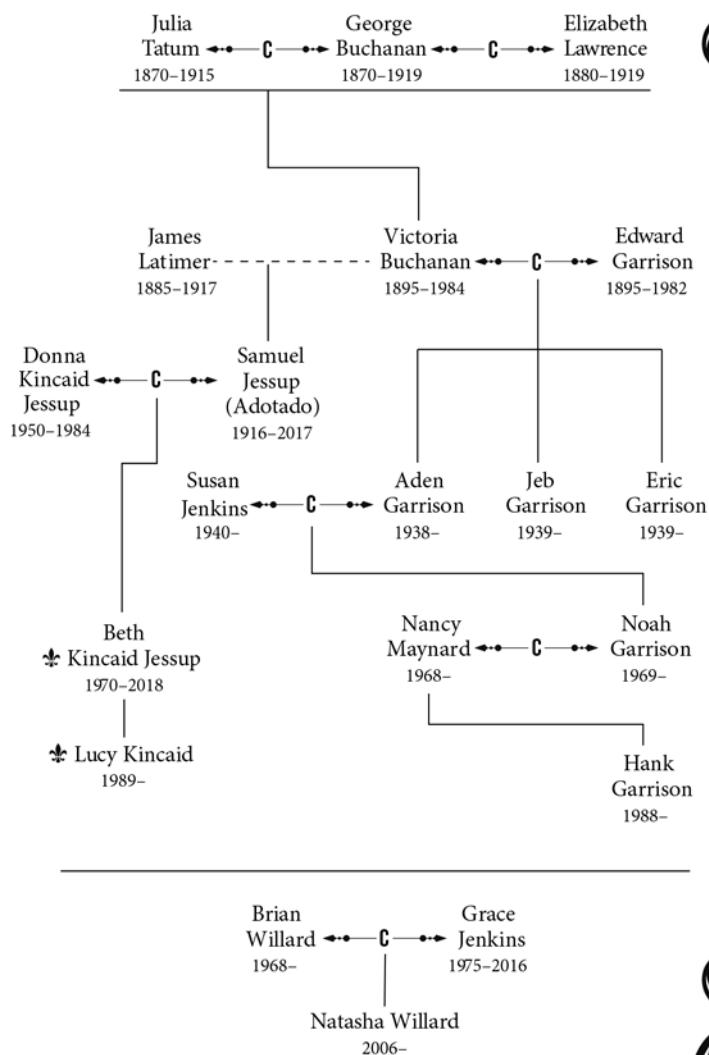
Nunca estamos sozinhos.

BARNEY SARECKY



LEGENDA

- ✿ Personagens Importantes
- ↔ Casamento
- Progenitor(es) de
- - - Relação com



PRÓLOGO



Adele

Terça-feira, 19 de setembro de 2017

Cape Hudson, Virgínia, na baía de Chesapeake

11h00

Nos quase cem anos de vida de Adele Jessup, ela aprendeu que os milagres e as maldições vêm aos pares. Amor e nascimento eram sempre balançados com dor e morte.

Ela sentou-se na sua cadeira de rodas, observando as dezenas de pessoas enlutadas que se juntavam à volta do caixão coberto com a bandeira americana. O céu nublado pairava por cima deles e fortes ventos que prometiam chuva esvoaçavam e brincavam com as pontas da sua saia preta.

Desviou a atenção para fora da cena diante dela, para as lápides à volta do buraco recentemente escavado. As sepulturas pertenciam ao seu marido e aos irmãos dele. Os rapazes Jessup tinham todos nascido e crescido na Costa Leste da Virgínia. Homens bons e orgulhosos, haviam-se mantido leais uns aos outros durante todas as suas vidas.

Sentado agora ao seu lado estava Samuel Jessup, o seu cunhado, o último dos irmãos Jessup. Fizera a barba e cortara o cabelo. O seu uniforme preto de capitão da marinha mercante acabara de ser engomado, os botões de punho em bronze haviam sido polidos. Contudo, ele não usava nenhuma das medalhas que ganhara nas mais de cinco décadas de serviço. A sua figura alta e estreita tornara-se frágil e a mão direita tremia-lhe constantemente, mas ele tinha recusado a cadeira de rodas. Sempre demasiado orgulhoso e teimoso para o seu próprio bem.

Quantas vezes se tinham ali sentado os dois ao longo dos anos, em

luto pela perda de um dos seus? Tal como ela, Samuel devia certamente sentir-se agora mais próximo dos mortos do que dos vivos.

Nesse dia, tinham-se juntado para honrar a vida do bisneta de Adele, Scott Jessup, um fuzileiro que morrera cinco dias antes, quando o seu helicóptero se despenhou no oceano Atlântico durante uma tempestade. Scott estava numa missão de resgate, à procura de pescadores desaparecidos num barco que se afundara. Conseguira salvar um, colocara-o em segurança numa embarcação naval e depois regressara, à procura de mais pescadores.

Scott, como todos os homens da família Jessup, sempre gostara de água. Tinha crescido a ouvir falar de corajosos marinheiros na sua família e sabia perfeitamente que o tempo e o mar davam com a mesma facilidade que tiravam. Scott fora um homem bom, corajoso e, por vezes, demasiado impulsivo, mas também só tinha vinte e sete anos quando morrera.

Um pequeno movimento para lá das pessoas chamou a sua atenção, e ela olhou em direção à cerca de ferro forjado que rodeava o pequeno cemitério da família na Costa Leste.

Um jovem estava lá sozinho. Os seus olhos falhavam e não conseguiam distinguir-lhe o rosto. Ela assumiu que era apenas mais uma pessoa enlutada até que ele começou a avançar, e então percebeu que era Scott.

Adele não ficou surpreendida por o ver. O véu que a separava da morte era tão dolorosamente fino que agora os espíritos eram tão fáceis de ver como os vivos.

Scott foi ter com a sua mãe, Helen Jessup, sentada à frente do caixão do filho. Agarrava firmemente uma Bíblia gasta e chorava compulsivamente. Helen adorava o seu único filho e a morte dele despedaçara-lhe o coração de tal forma que não havia palavras nem ações que o conseguissem reparar.

Scott pousou a mão no ombro da sua mãe, mas ela pareceu não reparar. Mas Samuel viu-o e, quando os seus olhares se cruzaram, um leve sorriso apareceu nos lábios de Scott. Samuel pousou suavemente a sua mão por cima da de Adele e apertou levemente.

Ao lado de Helen, sentava-se um homem de rosto desolado, vestido com o uniforme dos fuzileiros americanos. Rick Markham não só estivera nos fuzileiros com Scott e com todos os transportadores do caixão, como tinham também sido bons amigos. O seu cabelo escuro estava cortado muito curto e acentuava-lhe os traços severos. Apesar de não ser muito mais velho que Scott, parecia carregar o peso de Atlas nos seus ombros.

Scott ofereceu a Rick um sorriso tranquilizador, mas também isso lhe passou despercebido. Adele assimilava tudo.

Finalmente, Scott passou pela multidão em direção a uma mulher que esperava fora da vedação. Estava sozinha e parecia perdida. Adele conhecia bem o seu olhar.

Apesar de nunca ter conhecido formalmente a rapariga, Adele sabia que o seu nome era Megan Buchanan. Ela fora a noiva de Scott, mas tinha acabado o relacionamento duas semanas antes. Apesar de ninguém ter partilhado os detalhes da relação com Adele, ela sabia que a jovem tinha cancelado abruptamente o casamento.

Se Scott estivesse zangado com Megan em vida, na morte não o parecia. Observava-a com um olhar carinhoso, sem qualquer indício de censura. Quando a beijou ternamente na bochecha, ela arregalou os olhos e levantou a mão. Lentamente, olhou à sua volta, como se tivesse esperança de o ver.

Adele observou a jovem com atenção, decidindo que não havia absolutamente nada marcante nela. A sua cara redonda, lábios cheios e olhos verdes eram relativamente comuns como características individuais. Mas, no seu conjunto, criavam uma figura impressionante. Megan Buchanan tinha algo de especial.

Um outro fuzileiro, Hank Garrison, vestido com o uniforme americano, ordenou que cinco dos homens recrutados levantassem as suas armas para o céu e disparassem três salvos. Samuel agarrou no seu andarilho e esforçou-se para se levantar. Rick pôs-se rapidamente de pé e tentou equilibrar Samuel, mas o homem idoso e teimoso recusou a sua ajuda.

Um silêncio solene pairava pela multidão, e durante algum tempo ninguém se mexeu.

Rick ajudou Samuel a sentar-se de novo na cadeira e depois marchou com os fuzileiros em fila até ao caixão, onde o grupo se dividiu igualmente por ambos os lados. Dobraram a bandeira com uma precisão impecável até se tornar num triângulo afiado, que Rick ofereceu a Helen em nome de uma nação grata.

Scott permaneceu perto da sua mãe enquanto ela levava a bandeira ao peito e soltava um trémulo suspiro. A cerimónia acabou e os momentos seguintes foram preenchidos por mais lágrimas, com pessoas à volta de Helen, algumas cumprimentando Adele e Samuel antes de saírem lentamente pelo velho portão de ferro.

— Já volto — disse Helen.

Adele levantou os olhos quando Scott olhou na sua direção. Ele ofereceu-lhe um sorriso travesso que lhe fez lembrar de quando ele era criança e roubava bolachas da sua cozinha.

— Não temos pressa — disse ela a Helen.

Por um momento, os vivos deixaram Adele e Samuel sozinhos com Scott. Satisfeita por se sentar em silêncio, Adele estava agradecida por este momento, pois estava certa de que seria o último que teria com qualquer um dos dois homens.

— Consegue ver-me, não consegue? — perguntou Scott.

Ela olhou das árvores que rodeavam o cemitério para o seu rosto tisnado pelo sol.

— Sim — afirmou.

— Não falta muito para mim, rapaz — disse Samuel.

— Sim, senhor — disse Scott.

— Não faz sentido esperares por mim — disse Samuel. — Eu descubro o caminho.

— Ele não está à tua espera — afirmou Adele.

— Então está à espera de quem? — perguntou Samuel.

Ela viu Helen aproximar-se de Megan. O que quer que estivessem a dizer uma à outra não parecia agradável.

— Delas. Ele está à espera delas.

Samuel respirou fundo e acenou. Se havia uma coisa que ela e Samuel percebiam, era o poder dos assuntos por resolver e dos segredos, que ancoravam tanto os vivos como os mortos.

CAPÍTULO UM



Megan

Segunda-feira, 5 de março de 2018

Norfolk, Virgínia

8h00

Um vento tempestuoso fez abanar a lapela do casaco de Megan Buchanan, bem como a sua franja repuxada, recentemente cortada e assustadoramente curta, quando se apressava a caminho do antiquário Ragland's Mariner. Abriu a porta e foi recebida por uma onda de calor e pelo tilintar de uma sineta que balançava sobre a porta, anunciando a sua chegada.

À medida que absorvia o calor, registava o ambiente à sua volta e apreciava a confusão de velhas lanternas, boias e cordas que pareciam ocupar todos os recantos da loja. Pendurada na parede do fundo, estava uma vasta coleção de figuras de proa de madeira esculpidas em diferentes formas, desde unicórnios a sereias de peitos cheios. Cada figura fizera outrora parte da proa de um navio e mostrava a sua essência e bravura.

Ao passar os dedos sobre o ferro de uma velha âncora, Megan encaminhou a sua barriga de grávida na direção de um estreito corredor, perto do balcão. Enquanto esperava, uma eclética coleção, desde jogos de tabuleiro a uma grande jarra de berlindes vermelhos e brancos e uma caixa de dominó, chamou a sua atenção. Nenhum deles encaixava no tema dos marinheiros, mas o dono da loja, Duncan Travis, nunca deixava escapar um objeto que valesse mais do que davam por ele.

Quando chegou ao balcão, tocou um pequeno sino.

— Duncan, é a Megan.

Ouviram-se passos atrás da cortina que separava a loja de uma secretaria que ela sabia ter um computador novo e pilhas de livros, papéis e revistas. Apesar de Duncan usar a loja como cartão de visita, a sua verdadeira fonte de rendimento provinha dos objetos que descobria para clientes privados, colecionadores e *designers*.

— Megan?

Uma mão enrugada agarrou a ponta da cortina roxa. Ele fez uma pausa que lhe relembrava como Duncan gostava de uma entrada em grande.

— Sim, sou eu.

A cortina abriu, revelando um idoso pequeno, muito magro e de ombros caídos, com cabelo escasso e grisalho apanhado num rabo de cavalo. Mais de setenta anos ao sol tinham-lhe deixado o rosto bronzeado e marcado com profundas rugas.

Usava um polo às riscas, calças desbotadas, presas por um cinto de pele gasto, e sapatos pretos. Um anel maçônico em ónix brilhava no seu indicador esquerdo, mas Megan tinha quase a certeza de que ele o usava pelo seu efeito dramático e não pelo simbolismo. Um relógio de ouro que parara de funcionar há anos rodeava-lhe elegantemente o pulso.

— Chegaste cedo — disse.

— A minha consulta acabou antes do previsto.

Ele olhou para a sua barriga redonda.

— Grande barriga.

— Sinto-me uma baleia encalhada.

Todos falavam sobre a sua bebé e a sua barriga como se fossem de domínio público. Apesar de ela gostar que se interessassem, falar sobre a bebé fazia com que se lembrasse de que não tinha ideia de como criar uma criança sozinha.

— Preferia falar sobre os artefactos que dissesse que tinhas para mim.

Megan fora contratada em janeiro para supervisionar a renovação de um histórico chalé de caça chamado Chalé de Inverno. O seu trisavô, George Buchanan, construiria o enorme edifício de seis mil e quatrocentos metros quadrados, para a sua segunda mulher, com quem partilhara o gosto pela caça aos patos na Costa Leste. A casa acabara de ser construída em 1901, mas, em 1916, George oferecera-a à sua nora, Claire Hedrick Buchanan. Claire vivera nessa casa até à sua morte, em 1990.

Duncan estudou-a por breves momentos, com atenção.

— Cortaste o cabelo.

Ela penteou para trás a sua franja diminuta, arrependida agora por ter aproveitado o furo entre a consulta de obstetrícia e a loja de antiguidades para ir ao cabeleireiro. No momento em que a cabeleireira lhe cortara a franja, anteriormente comprida e lisa, Megan percebeu que tinha cometido mais um erro terrível.

— Pareço um rapazinho holandês.

Um sorriso formou-se no canto dos lábios dele.

— Eu diria o Frei Tuck.

Ela riu-se e disse para si mesma que o cabelo curto não era um erro irremediável.

— Não devia ter vindo para cá. Estava a salvo na Costa Leste.

Duncan deu uma gargalhada.

— A franja não está assim tão má.

— Mentiroso.

Ele encolheu os ombros e alcançou algo por baixo do balcão.

— Tenho uma coisa para ti. Consegues adivinhar o que é?

— Duncan, nunca te cansas deste jogo?

— Nunca.

Faziam sempre isto quando ela ia à loja. Se ele tivesse um artefato diferente, pedia-lhe para adivinhar a sua história. Ela quase nunca se enganava, mas também era verdade que tinha uma carreira notável no restauro de arte, com especialidade em objetos estranhos e raros.

— Vá lá — tentava persuadi-la —, mostra o que sabes.

Ela estendeu a mão.

— Tem de ser rápido. Preciso de estar em casa dentro de uma hora.

Ele retirou do interior de uma caixa de veludo vermelho um relógio de bolso de ouro, coberto por uma leve camada de pátina e com ornatos que embelezavam a letra S.

— Achei que me pudesses dar uma ideia acerca do seu dono — disse Duncan.

O relógio era do tamanho de uma moeda grande, a sua superfície dourada levemente gasta e fria ao toque. Ela passou o polegar pelo S gravado e pressionou o pequeno fecho. A tampa do relógio abriu-se.

Feito pelo relojoeiro francês Cartier, por volta de 1850, o relógio tinha uma superfície cor de champanhe e numeração romana. Os ponteiros estavam parados nas 11h20, e gravadas no seu interior viam-se as palavras *Para a minha querida mulher*. Em 1850, poucas pessoas da região teriam os meios para conseguir comprar um relógio tão dispendioso.

— Onde encontraste este relógio? — perguntou ela.

— Comprei-o num leilão em Alexandria, na Virgínia. A família não tinha nenhuma informação sobre ele.

Ela voltou a fechar o relógio e passou os polegares pela delicada gravação na parte de fora.

— Disseste Alexandria?

Ele franziu o sobrolho.

— Isso mesmo.

Alexandria fora uma próspera cidade portuária dos tempos coloniais, no século XIX, quando o tabaco era rei. A cidade tinha uma população de cerca de oito mil pessoas, das quais duas mil e quinhentas eram afro-americanas. Houvera uma crise financeira em 1819, mas em 1850 a cidade já tinha recuperado.

Megan conhecia bem a elite da cidade nessa época.

— Pesquisa o nome do Capitão Robert Stewart.

Duncan apontou o nome.

— Porquê ele?

— Foi um capitão abastado de um navio que tinha um fascínio por relógios. Deixou mais de duzentos no seu testamento.

Ele abanou a cabeça.

— Tens razão, deves ser médium.

Ela não era médium, mas tinha sido abençoada com uma mente repleta de factos históricos infundáveis, dos quais nunca se esquecia. Acedia a essa base de dados e não ao reino dos espíritos.

A sua memória apurada para factos históricos ajudava-a a quebrar o gelo quando ia para uma nova escola. O pai trabalhara no ramo naval da Buchanan Corporation, e fora transferido dez vezes nos anos em que lá estivera. Para ela e para o seu irmão Deacon, isso traduzira-se no mesmo número de escolas. Na primária já eram peritos em empacotar brinquedos e livros, em despedidas dos amigos e em encontrar alguma coisa para odiar no sítio onde tinham estado e alguma coisa que adorar no sítio para onde iam.

O seu atlético irmão nunca tivera problemas em integrar-se numa escola nova, mas, para ela, as transições eram sempre desconfortáveis e inquietantes. Algures no caminho, tinha aprendido que se criasse uma história vívida sobre uma lancheira, uma peça de bijuteria ou uma foto de um novo amigo, conseguia entreter e conquistar os corações dos seus colegas. As suas observações, que os amigos diziam ser assustadoramente

certeiras, eram sempre inofensivas e agradáveis. Era uma forma diferente de se integrar, mas resultava.

Ela devolveu-lhe o relógio.

— A tua mensagem dizia que tinhas encontrado novas informações acerca do Chalé de Inverno.

Megan tinha escrito a sua tese de doutoramento sobre o Chalé de Inverno, que fora a sua única âncora numa infância passada à deriva. Quando era mais nova, nunca sabia onde estaria a viver no ano seguinte, mas tinha a certeza de que as férias de verão seriam passadas na Costa Leste, à sombra do Chalé de Inverno. A sua bisavó convidava o seu pai a passar lá todos os verões, desde os cinco anos até ir para a faculdade. De acordo com o pai, Claire fora amável e gentil com ele e ele falava sempre dela e da velha casa com carinho.

Megan tinha assumido que a sua bisavó deixaria o Chalé de Inverno para o seu pai, mas a propriedade fora entregue a Samuel Jessup, um oficial da marinha mercante. Apesar de os Jessup viverem como pescadores ou oficiais da marinha, ou cumprindo serviço militar, as suas vidas estavam bastante ligadas às dos abastados Buchanan. Na verdade, Samuel era tio-bisavô do seu falecido noivo.

Megan pensava que a propriedade seria devolvida aos Buchanan depois da morte de Samuel, mas no testamento dele tinha ficado claro que o Chalé de Inverno deveria ser entregue à sua neta. E Lucy Kincaid, uma empregada de balcão de Nashville, fora contactada.

Graças a uma generosa herança deixada por Claire, Lucy conseguiu renovar o Chalé de Inverno e os anexos circundantes. Lucy, talvez inicialmente hesitante em viver na Costa Leste, aceitara rapidamente a casa e todas as suas obras de restauro. Contratara Megan há seis semanas para supervisionar a operação.

— Ouvi dizer que estás a viver no Chalé de Inverno — disse Duncan.

— É mais fácil ficar lá durante as obras — confirmou Megan.

— Como estão a correr? — perguntou ele.

— Eu gosto muito de História, mas sem dúvida que prefiro a canalização e sistemas elétricos modernos, que não entram em curto-circuito por causa de um secador ou de um micro-ondas.

Ele acenou com a cabeça, pesaroso.

— Nesse tempo é que era bom.

— Talvez, mas eu estou muito feliz por viver num mundo em que existem epidurais e antibióticos.

— O que vão renovar primeiro?

— A Casa da Primavera. Foi a casa de Samuel Jessup. Era ele que tomava conta da casa antes de a Claire morrer. Assim que a Casa da Primavera estiver renovada, eu, Lucy e a sua irmã vamos para lá morar. E depois começam as obras do Chalé de Inverno.

Ele desviou o olhar para a grande barriga de Megan.

— Tens muito que fazer.

— Não é nada que eu não consiga aguentar. — Ela esperava que fosse verdade. — O que tens para mim?

Ele alcançou uma caixa debaixo do balcão, pousando uma mão curva sobre ela. Como um verdadeiro adepto de drama, abriu levemente a tampa da caixa, de maneira a que só ele conseguisse espreitar para o seu interior.

— Já ouviste falar da fotografia de Thomas Delany?

O nome fez aumentar a curiosidade dela.

— Claro. Foi um fotógrafo que trabalhou sobretudo no fim do século XIX.

— Bem, uma coleção valiosa de fotografias suas surgiu num leilão, há umas semanas. Avisaram-me e eu comprei todas. Passei a semana a analisar as chapas de vidro e as fotografias.

Ela tentou lutar contra a vontade de o apressar. Duncan adorava o *suspense*.

— Continua...

— Encontrei uma série de fotografias da Casa da Primavera antes de o Chalé de Inverno ser construído.

— Nos finais do século XIX?

— Exatamente.

Ele removeu a tampa, tirou a primeira fotografia e pousou-a lentamente no balcão. Era uma fotografia a preto-e-branco da Casa da Primavera.

A parte central da Casa da Primavera era, no fundo, uma cabana de dois andares que tinha sido construída em meados do século XVIII por um mercador local chamado Stuart Wentworth, a quem fora oferecida a propriedade como concessão do rei de Inglaterra. Wentworth acabara por plantar milho e feijão, que transportava para a Costa Leste e para Inglaterra a partir do porto de águas profundas de Onancock, cerca de trinta quilómetros a norte.

A casa fora vendida por volta de 1870 a um engenheiro que tinha

sido enviado pela companhia ferroviária para inspecionar a extensão da linha ferroviária a sul de Cape Charles.

George Buchanan comprara a Casa da Primavera em 1895 e usara-a como cabana de caça até o Chalé de Inverno ser construído, cinco anos mais tarde.

No alpendre da Casa da Primavera estava uma menina com não mais de cinco anos. Tinha cabelo escuro e usava um vestido de algodão demasiado grande para o seu pequeno corpo. À direita da casa de madeira estava a base de um anexo, feita de tijolo. Megan acreditava ter sido uma cozinha pois eram regularmente construídas longe da casa principal, para a proteger do fogo.

Olhou depois para o horizonte e para toda a extensão da baía de Chesapeake. Estavam dois navios no horizonte. Um grande bando de gansos voava através das macias nuvens brancas. A terra era árida, infértil e não havia indícios da grande mansão que viria a dominar a Costa Leste e a cidade vizinha de Cape Hudson.

— É interessante. Sabes quem é a menina? — perguntou ela.

— Não faço ideia. O que será que trouxe o Sr. Delany a estes lados?

— Sem dúvida que foi George Buchanan. Ele gostava que lhe tirassem fotografias. — Megan levantou o olhar da menina. — É fascinante. O contexto histórico é sempre valioso em trabalhos de restauro.

— Achas mesmo que te teria chamado só por esta fotografia?

Ela sorriu.

— Esperava que me mostrasses mais.

Ele retirou outra fotografia da caixa. A imagem mostrava quatro meninas ao lado da sua mãe grávida. As idades das meninas iam dos oito aos onze anos.

— A mais velha é a tua bisavó, Claire Buchanan.

— A sério? — Ela aproximou-se, à caça de semelhanças, e encontrou uns olhos do mesmo formato dos do seu pai. — Como tens a certeza disso?

— Vira a fotografia.

Na parte de trás, estava escrito *As mulheres Hedrick*. Hedrick era o nome de solteira de Claire.

— Olha para a menina mais nova e depois de novo para a primeira fotografia.

Ela olhou para as duas fotografias.

— São a mesma pessoa.

— Sim. É estranho, não é?

— A menina mais nova chamava-se Diane.

Megan tinha conseguido seguir a linhagem das três irmãs Hedrick mais velhas, mas Diane fora eliminada da história.

— Uma última fotografia — disse Duncan.

Retirou de baixo do balcão uma fotografia emoldurada de uma mulher estonteante, de olhos azuis e cabelo loiro, apanhado à moda dos anos quarenta. Megan não precisava que Duncan lhe dissesse quem era aquela mulher. Era Victoria Buchanan Garrison, cunhada de Claire.

Victoria tinha casado com Edward Garrison em 1920 e o casal viajara pelo mundo enquanto Edward trabalhava para vários consulados. Faziam parte da elite e só quando os seus filhos nasceram, anos mais tarde, é que o casal voltou a casa. Victoria, de acordo com as histórias de família, dizia que as suas gravidezes se deviam a uma deusa da fertilidade que tinha conhecido no Norte de África, pouco antes de começar a Segunda Guerra Mundial.

Claire, a bisavó de Megan, tinha deixado algumas gravações de vídeo que Lucy encontrara recentemente. Nessas gravações, Claire dizia que Victoria tinha dado à luz um filho no Chalé de Inverno e que Claire entregara a criança, Samuel, ao cuidado dos Jessup. Claire tinha cerca de cem anos quando fizera as gravações e não tinha motivo nenhum para mentir. O próprio comportamento de Victoria confirmava o nascimento do bebé. Antes do verão de 1916, ela vivia uma vida bastante pública e era frequentemente vista no teatro ou em jantares. Depois do seu casamento, tornara-se mais privada. Quando ela e o marido tiveram filhos, retiraram-se ainda mais da cena pública, sem qualquer explicação.

— É uma coleção interessante, Duncan. Posso comprá-la?

Eventualmente, o Chalé de Inverno tornar-se-ia um museu e estas peças seriam de grande interesse para os seus visitantes.

— Que tal duzentos dólares por fotografia?

— E se for duzentos pelas três? — negociou ela.

— Ouvi dizer que o Chalé de Inverno teve uma grande doação, dedicada à sua renovação.

— Isso não quer dizer que eu vá pagar preços tão absurdos.

— Quatrocentos pelas três — sussurrou o idoso.

— Trezentos e cinquenta pelas três. Última oferta, Duncan.

Ele fitou-a fixamente como se estivesse a olhar sorrateiramente durante uma jogada de póquer, sem saber se ela estava a fazer *bluff*. Se

estudar em dez escolas diferentes antes dos dezassete anos lhe tinha ensinado alguma coisa, era a esconder as suas emoções. Ela não disse uma palavra e esperou.

— Está bem. Mas só porque não me apetece regatear com uma mulher grávida. Não fica bem.

— Posso levá-las e pago mais tarde?

— Envio-te a conta ainda hoje.

— Se encontrares mais fotografias ao analisares os negativos de vidro, liga-me.

— Serás a primeira a saber.

Ao arrumar as fotografias de novo dentro da caixa, ela perguntou:

— Também posso levar estes jogos? — Tirou algumas notas de vinte dólares da carteira. — São para mim.

— Para que queres tu uma série de jogos velhos?

— A irmã da Lucy, a Natasha, gosta de jogos.

— As crianças, hoje em dia, não querem saber destes jogos.

— Estou a tentar ensinar-lhe que nem toda a diversão está *online*.

Ele deu uma gargalhada.

— Boa sorte.

— Se o dominó não funcionar, então o tabuleiro Ouija resulta de certeza.

— Vendo-tos todos por dez dólares.

— O quê? Estás a fazer uma oferta sem regatear?

— A idade tem destas coisas.

— Obrigada e lembra-te de que estou à procura de mobília. Se encontraras mais peças do Chalé de Inverno, avisa.

— Ah, não te preocipes. Metade dos vendedores de antiguidades da baía e arredores sabe que andas à procura. Já ouviram falar dessa herança para a casa.

— Obrigada.

Ele colocou os jogos e as fotografias num grande saco de papel e Megan saiu com os seus novos tesouros. Depois de pousar cuidadosamente o saco no banco de trás da carrinha, entrou para o lugar do condutor, a sua barriga quase sem caber atrás do volante.

Conduziu pela cidade e ao longo do North Hampton Boulevard, em direção à ponte-túnel da baía de Chesapeake, que ligava Virgínia continental à Costa Leste. Pagou a portagem e seguiu viagem pela ponte e túnel de vinte e sete quilómetros.

Megan abriu a janela e o ar salgado introduziu-se na cabine da carinha, levantando-lhe as pontas da curta franja da sua cara redonda. A aragem da baía tirou alguma da tensão dos seus ombros, mas quando abriu o espelho da pala, não viu uma mulher elegante, mas antes, como Duncan tinha sugerido, o Frei Tuck. Suspirou, irritada.

— É só cabelo, pelo amor de Deus.

O horizonte estava pintado de azuis vivos e pontilhado com nuvens brancas pesadas. O mar nesse dia encontrava-se calmo, mas havia indícios na rebentação das ondas de que o mau tempo estava a caminho.

Quando a ponte começou a descer sobre os campos verdes da Costa Leste, o seu telemóvel tocou. Um olhar de relance para o ecrã foi suficiente para lhe enviar ondas de *stress*.

Megan agarrou o volante com força e atendeu a chamada.

— Olá, mãe.

— Como correu a consulta de obstetrícia? — perguntou Sandy.

— Correu bem. Está tudo bem com a bebé. Como sabias que ia à cidade hoje?

— Vi a localização do teu telemóvel. Hoje em dia, só vais a Norfolk para as tuas consultas.

Megan desacelerou, arrependida por ter dado à mãe acesso à sua localização. Mas os seus pais teriam cancelado a viagem à Austrália se ela recusasse. Deviam voltar mesmo antes da data prevista para o parto e se era para estarem a meio mundo da sua única filha grávida, então tinham de ter o direito de a espiar.

— Correu mesmo tudo bem. A bebé está bem.

— A data prevista ainda é no final de abril?

— É esse o plano.

A médica tinha dito que ela e a bebé estavam bem. Houve o aviso habitual para ter calma e pôr os pés para cima com mais frequência, mas tendo os níveis de pressão arterial normais e mais energia do que nunca, ela levou esses avisos apenas como sugestões.

— Eu e o teu pai vamos chegar muito antes do dia do parto.

Megan endireitou-se no banco para aliviar a tensão das costas.

— Vês, está tudo a correr bem.

— Como vão as obras de restauro? — perguntou a sua mãe.

— A primeira fase começa hoje. Quando o contentor chegar, eu e a Lucy vamos começar a ver as coisas do escritório do avô dela.

Megan tentara vender a ideia da restauração da Casa da Primavera e

do Chalé de Inverno a Lucy dois meses antes, e, para sua satisfação, Lucy aceitara. Graças à substancial doação de Claire, Megan teve a liberdade de fazer restauros precisos e completos no Chalé de Inverno, e ainda algumas melhorias na Casa da Primavera para que ficasse mais moderna.

— Recebi outra chamada da Helen — disse-lhe a mãe.

Helen Jessup era a quase futura sogra de Megan e a avó da bebé. Helen queria que o seu filho casasse com uma mulher com jeito para a vida social e capaz de apoiar completamente a sua carreira na marinha, mas tinha recebido a estudiosa Megan de braços abertos quando Scott lhe falara do noivado. Dias depois de anunciar o casamento, Helen assumira a missão de reinventar a noiva do seu filho, que estava mais interessada em livros empoeirados do que em cair nas boas graças da mulher do almirante. Não tardou até Helen a levar às compras ou a pedicures e manicures. Megan amava Scott, e por isso tentou agradar a Helen.

Mas tudo se desmoronou quando Megan terminou abruptamente a relação, duas semanas antes do casamento. Mal tinha começado a processar a separação quando Rick Markham, o padrinho de casamento de Scott, lhe ligou para contar que Scott falecera. Rick explicou que Scott estava numa missão de resgate quando o seu helicóptero caiu.

Megan não devia ter ido ao funeral, mas ela amava realmente Scott. Por isso, conduziu até à propriedade da família Jessup, perto do Chalé de Inverno, naquele quente e húmido dia de setembro. O cemitério estava cheio de pessoas vindas de perto e de longe, que faziam o seu luto. Teria sido melhor manter-se afastada da cerimónia, mas quando Helen foi falar com ela, Megan achou que teria a oportunidade de oferecer as suas condolências. Mas Helen mal olhara para ela e, em voz baixa, para que apenas Megan conseguisse ouvir, disse com desdém:

— *Mantém-te longe de mim. Mataste o meu filho.*

— *O quê?* — sussurrara Megan.

— *Se tivesses sido madura o suficiente para resolver a tua relação e ser a mulher que o Scott precisava, ele ainda estaria vivo.*

Megan mantivera-se em silêncio, mas chorara durante todo o caminho de regresso a Norfolk.

— O que é que a Helen queria? — perguntou Megan.

— Foi só uma conversa de circunstância. Acho que queria que eu falasse de ti. Quando percebeu que não ia dizer nada, perguntou-me diretamente acerca da bebé. Não sabia que ela não te via há tanto tempo.

Megan visitara a sepultura de Scott e Helen estava lá, sentada em

silêncio no chão, a retocar as flores frescas num vaso de pedra. Tinha estado a chorar e Megan quis dar à pobre mulher uma boia de salvamento que a ajudasse a enfrentar as águas agitadas, prontas a puxá-la para baixo. Por isso, contou-lhe sobre a bebé, pensando estar a oferecer-lhe um colete salva-vidas.

Helen olhara fixamente para ela por um longo e tenso momento.

— Se achas que vou acreditar que essa bebé é do Scott, estás muito enganada.

Nunca mais tinham falado, desde então.

— Não sei se ela acreditou em mim, mãe.

— Dá-lhe um desconto, miúda. Ela está a sofrer muito. O Scott era o mundo dela.

Megan ajeitou-se no banco para evitar a dor persistente na lombar.

— O que contaste à Helen?

— Ela sabe que estás de volta a Cape Hudson e a trabalhar no Chalé de Inverno. É uma cidade pequena. As notícias espalham-se com facilidade. Disse-lhe que tu e a bebé estão bem.

— Então tem as atualizações básicas.

Houve uma longa pausa. Depois disse:

— A Helen quer que a criança faça um teste de paternidade.

— Um quê?

— Ela quer provas em como a bebé é mesmo do Scott.

Megan rodou a cabeça de um lado para o outro.

— Não tenho tempo para estes jogos. Já lhe disse que a bebé é do Scott.

— Eu sei, eu sei. Isso foi o que eu lhe disse várias vezes. Acho que ela quer uma desculpa para te ver.

— Tinha mais sorte de o conseguir se parasse de me insultar.

Logicamente, Megan sabia que o sofrimento da senhora era bem maior que o seu. Mas a sua rejeição também a enfurecia.

— Tenho de ir, mãe. Tenho de trabalhar.

— Megan, há químicos nas casas antigas. O amianto é muito tóxico para a bebé.

— Não há amianto nesta casa — disse — Foi construída em 1901.

— As renovações são trabalho árduo. É trabalho a mais e não é nada bom para a bebé — avisou a mãe.

— A bebé está bem. E eu consigo fazer este trabalho.

Aquele projeto era a oportunidade de provar o seu valor. O seu curso

de História não era apenas uma dispendiosa atividade de tempos livres, como o seu pai lhe tinha chamado, e ela conseguia desistir do seu negócio *online* de pastelaria e continuar a viver bem.

— É um grande projeto, Megan. E, com a criança a caminho, estou preocupada. Talvez devesses trabalhar num projeto mais pequeno.

— Mãe, chega.

Sandy suspirou. Era o último esforço para tentar convencer a filha. Quando percebeu que Megan não ia mudar de opinião, disse:

— Bem, pelo menos se as restaurações não correrem bem, podes sempre voltar ao *catering*.

Ela não ia voltar atrás. Não podia. Por muito que o futuro fosse assustador, o seu passado era demasiado doloroso e cheio de deceções para o reconsiderar.

— Mãe, tenho de ir. Preciso de me encontrar com os empreiteiros na Casa da Primavera ainda hoje.

— Consigo ver que estás quase no fim da baía de Chesapeake — notou a mãe. — Ainda bem. Não gosto que vás por esse caminho.

Nos dias bons, a ponte tinha uma incrível vista sobre a baía. Nos dias maus, o percurso podia tornar-se perigoso, mas ela tinha sempre o cuidado de verificar a meteorologia.

— Já fiz este percurso milhares de vezes. Não há problema. — E antes que a sua mãe pudesse responder, disse: — Fica bem. Até logo.

O Sol estava tão forte que Megan teve de procurar os óculos de sol na mala. À medida que se afastava da ponte, o nó nas suas costas aliviava.

Ter desligado a chamada de forma tão abrupta fez aumentar ainda mais o seu sentimento de culpa. Tinha de se esforçar para ser mais simpática e honesta com Helen, mas Megan também se sentia prestes a afogar-se. Simplesmente, não tinha as forças necessárias para a salvar.